

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 16 de Dezembro - 1926

5 TOSTÕES

32



sempre
five semandrio
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

NO SEculo DOS INTERESSES



O Homem... e os seus fantasmas

HISTORIAS VELHAS RESTAURADAS

O medico parteiro

Figueiredo acabara o seu curso de medicina, tendo conseguido uma distincção com a sua magnifica tese, intitulada:

«Do parto e da discordancia que existe entre o parto «Vou-me embora» e o parto «Cheguei agora mesmo».

Efectivamente, nada mais idiota do que chamar-se parto aquele momento da vida em que a gente chega.

Ao começar, pois, pelo titulo, era verdadeiramente notavel aquele trabalho do dr. Figueiredo, onde ele desenvolvia, com uma grande clareza e duma forma mesmo compreensivel para os profanos, aquele momento de indecisão em que as pobres criancinhas, prevendo as agruras deste mundo, se negam a entrar na porta da vida.



A caminho de Caminha...

Curso terminado, tese aprovada e o nosso dr. Laureano Figueiredo, especialista em partos, como resavam os cartões de visita, se dirigia para Caminha, sua terra natal, a exercer clinica.

Levava o nosso doutor na bagagem,

BRISTOL CLUB DANCING

Jantar concerto das 19 às 22 h.



á parte a roupa de uso, uma interessante biblioteca da especialidade e uma taboleta em chapa de ferro, onde em letras negras, sobre fundo branco, se lia por baixo do seu nome e apelido, o seguinte:

PARTOS EM TODOS OS GENEROS

Tinha ainda a taboleta, dum lado, uma cruz de Cristo, como aquelas que o Vasco da Gama pôs nas velas dos

galeões e as parteiras põem nos cunhais das portas, e do outro lado, a Torre de Belem, bem imaginada alegoria, pois, como todos sabem, a Torre de Belem está no «Bom Sucesso».

Como Cesar, Laureano Figueiredo, ao entrar em Caminha, que é sitio quente e, portanto, de boa disposição para a procreação da especie, chegou, observou e operou. Ainda a taboleta

não estava colocada e já ele era chamado para o primeiro parto.

O caso era difficil, mas para o Figueiredo não havia difficuldades. Mais rapido do que um relampago, puxou dos instrumentos cirurgicos, volta daqui, volta dali e zás, criança morta, mãe morta e o pai, alucinado, atirou-se da janela abaixo e morreu tambem.

Ainda não tinham passado cinco dias sobre este notavel feito medico e Figueiredo era chamado para um outro parto, mais complicado do que o primeiro. Constava mesmo que a criança estava atravessada. (Ha criancas que, mesmo antes de nascerem, já são travessas).

Laureano Figueiredo, imperturbavel, pegou nos ferros e, com a serenidade dum Belmonte, dirigiu-se para a gaiola.

Durou quinze minutos aquela luta entre a sciencia e a teimosia da natureza e, ao fim dos quinze minutos, morria a criança, morria a mãe, e o pai, que sofria do coração, tinha um ataque e morria tambem.

Passados tempos, uma noite, estava o dr. Figueiredo em casa explicando á familia como nascia o dia sem intervenção cirurgica, quando o vieram chamar para um novo parto.

—Meu filho, não vás—suplicou a mãe. — Lembra-te do que aconteceu das outras vezes.

—Minha mãe! Nós somos escravos da nossa profissão e nunca podemos negar o socorro da nossa sciencia — volveu o filho.

E, pegando no estojo da ferramenta, dirigiu-se para casa da vitima.

Ja alta a noite quando Figueiredo voltou para casa. A mãe esperava-o, ansiosa.

—Então, meu filho, correu tudo bem?

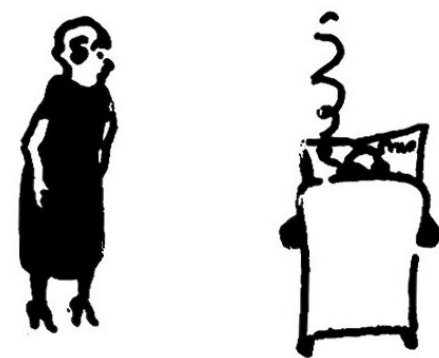
—Muito bem—disse o Figueiredo, com um sorriso de triunfo.—Desta vez salvei o pai.

Os restauradores,

Line Ferreira e Amarelho.

BRISTOL CLUB DANCING

O MAIS ELEGANTE



Trolaró, laró, laró!...

Na potente Associação,
Que se instalou, com vantagem,
Numa casa em Santo Antão,
—Que em tempos que já lá vão
Foi casa de tavolagem,—

A dar credito ao que eu li,
Uns socios menos amaveis,
Teem-se dito entre si
Coisas tão desagradaveis
Que nem nas Côrtes ouvi.

Na chaga que se envenena
Receio meter o espéculo;
Mas, a fétida gangrena,
Que faz nójo e que faz pena,
E' muito propria do... seculo...

Quem as sessões fôr escutar
Um mal-estar em todos nota;
Como se andasse no ar
Inda um resto da batota
Que se fez nesse lugar...

Se o Rosa, exausto, perora,
Duvidam dos seus assertos:
E ha gente que ao ir-se embora
Sentidamente deplora
Que os dados não sejam certos...

Não se sabe, em tais contendas,
A quem pertence o triunfo;
Jogam-se *biscas* tremendas,
E ha paradas estupendas
A' espera do az do trunfo!...

E dizem vozes já roucas:
«—O' Rosa, não me escalavras!
Deixa essas pretensões loucas!
Que são jogos de palavras,
Mais que *paradas de boca*?!...

E outra parte que sorria,
Mais alegre e mais leviana,
Saiu, numa zombaria,
Cantando: — «O' Rosa tirana,
Que é da tua tirania?...

João Fernandes.

HISTORIAS...

A maior LOUCURA da minha vida...

Durante a minha curta vida, grandes tem sido já as minhas loucuras. Dispensando-me de relatar aqui a serie das noites perdidas, das perdas no jogo, dos excessos, das bebedeiras, dos ciúmes...

Isso é tão banal e tão regular que não interessaria de modo nenhum.

O que eu te quero contar, leitor amigo, é a maior loucura da minha vida, consumada ha coisa de dois anos, e de que ainda estou sofrendo as tristes consequências:

Como escrevinhasse, desde largo tempo, para os periodicos, tive occasião de me relacionar com actores comicos e dramaticos, com dramaturgos e com dramamiferos—especie zoologica descoberta pelo nosso saudoso Fialho.

Cheguei mesmo a convencer-me de que tinha amigos entre eles. E, por isso, dei ouvidos aos seus perfidos conselhos:

—Porque não escreve para o teatro? Você tem habilidade, tem espirito, faz bons versos... Experimento fazer uma revista...

E eu, tão ingenuo, que caí nessa! E eu, tão idiota, que não percebi que o que eles queriam era comprometer-me!

Mas... acabou-se! Meti mãos á obra—mal pensando que era obra de gaita aquilo em que me metia... Porque a musica foi a grande origem da minha tragedia, como ao diante se verá...

Comecei por delinear o plano geral da revista. Franca actualidade. Toda a actualidade, em pequenos quadros, em ligeiros couplets, em fados puxavantes á lagrima... Perdi noites e noites a escrever—e a pensar. Escrevia pelas mesas das redacções, pelas mesas dos cafés, pelas mesas dos restaurants. E, ao fim de alguns meses, consegui ter duas duzias de cadernos recheados de piadas, de versos, de dialogos, de pretensões a espirituosos.

Um dia, uma noite aliás, agarrei no trabalhinho e enfiei por uma caixa de teatro. O leitor já pôs na sua ideia o que é uma caixa de teatro? E, pouco mais ou menos, o mesmo que um calguidar de lacraus, como diria o nosso Homem Cristo Filho...

O empresario pôs um monóculo atrevido, mediu-me de alto a baixo, e, desconfiado da mercadoria, desfechou-me esta frase:

—Isso precisa ser visto e corrigido por um homem de teatro. Deixe cá ficar o rôlo—e vá passando por cá.

E fui passando por lá. Duas noites, dez noites, cincoenta noites a seguir. Ao fim deste tempo, recebi alvoroçadamente esta nova:

—Você vai constituir uma parceria com o sr. Alberto Ferreira e o sr. Carlos Rosa. Para a musica, temos o Silvino. E vamos a pôr isto em scena...

A scena foi depois. Os meus parceiros foram-se á revista, mutilaram-na, estropearam-na. O da musica obrigou-me a pôr silabas, a tirar silabas, a virar do avesso a versalhada toda, que ficou qual se fóra do nosso João Maria Ferreira...

Quando nos puzemos de acôrdo, haviam passado mais quatro meses.

Logo começou a haver conflitos diarios: com a orquestra, com os côros, com os carpinteiros, com os electricistas...

A estrela maior fugiu ao empresario. As outras duas estrelas pegaram-se de razões e tiveram que ser substituidas por dois cometas de pequena envergadura.

Em resumo: quando a revista foi á scena já tinha perdido a actualidade toda—e pateou, com uma pateada tao grande que até parecia que estavamos no Mar Alto...

Chico das Pégas.

BRISTOL CLUB DANCING
O UNICO SEMPRE EM FESTA

A NOVELA DO "FIXE"

A tabela de serviço (Scenas de teatro)

Ora, desta vez, vai uma historia de teatro, historia verdadeira das muitas que eu sei, visto que, ha perto de quarenta anos, ando misturado nesse meio (agora requeri a reforma sem vencimentos), do qual tenho as mais interessantes, desgostosas e saudosas recordações.

Os antigos, do tempo em que o teatro era mais casto e mais ingenuo, conhecem-me bem; os novos julgam que eu nasci ao mesmo tempo que eles...

Esta historia, a sério e, como disse, verdadeira, não está, portanto, bem cabida no Fixe, mas como é horrivelmente comica, irá—quand même!

Houve em tempos um actor natural do Porto, que veio para Lisboa armado em empresario-autor.

Boa pessoa, arrojado, talvez um tanto pela dose de ignorancia relativa, comprou um dia, no Porto, um caixote de manuscritos e peças impressas, e uma ideia genial subiu-lhe ao cerebro: «Se eu fosse um dia autor?»—creio que pensou... «E se eu escrevesse uma peça?! Não tenho ali aquele caixote cheio delas? E se eu tirasse uma bocadinho de cada uma, as cerzisse bem, não poderei, assim, arranjar uma peça da minha autoria?»

E se bem o pensou, segundo as minhas pesquisas, melhor o fez e, acreditem, com bastante agrado do publico...

O nosso actor era já empresario, mas o negocio de teatro, que sempre foi traçozeiro, mesmo quando houve empresarios (empresarios, só; em toda a acepção da palavra), obrigou-o a alguns empréstimos de bons amigos que tinha.

O negocio não corria bem quando montou uma magia e eu, amigo o pseudo-secretario particular do capitalista, fui fiel depositario de um documento para lhe ser entregue em determinado dia, o que eu não fiz por ver que, como o negocio não corria bem, melhor cara poderia trazer o dia de amanhã.

Ora o nosso bem: empresario, para escrever qualquer documento, como recibos, vales ou folhas de serviço, costumava pôr umas lunetas que ele perdia a todo o instante, o que se tornava comico pela forma dele tatear na secretaria e nos bolsos, a vêr se as encontrava.

Representava-se, como disse, uma magia. Em um dos actos e em determinada altura, aparecia um dragão de côres berrantes, a vomitar fogo dum «alverde» que o contra-regra lhe metia pela boca... O efeito era surpreendente!

Em uma das noites, o mestre do teatro ou o contra-regra enganou-se e o dragão veio de costas, isto é, ao contrario, o que tirava o efeito á situação, visto as faúlhas não saírem pela frente...

O nosso empresario ficou furioso e, dirigindo-se, no intervalo, ao mestre de scena, disse-lhe:

—Você tome mais cuidado, homem; olhe que o bicho deve entrar pela direita baixa, ouviu? Ao menos, se isso acontecer outra vez, já que o não podem voltar de repente por ser grande, metam-lhe o busca-pé pelo outro lado, para não tirar o interesse.

E logo, como bom subedor das praças do seu metier, fez afixar uma tabela escrita por ele e da seguinte forma:

O vicho tem quintrar pula direita vara.

Ora ou que, como disse, secretariava a empresa arrendataria, como visse muita gente, musicos, etc., a rir-se das asneiras escritas, tirei a tabela, emendei-a e coloquei-a no seu lugar, para evitar mais comentarios.

No espectáculo seguinte deu-se o mesmo caso. O dragão tornou a entrar de costas e o nosso homem pregou com outra tabela identica. Muita gente, actores, musicos, etc., e vai eu tornei a emendá-la.

A chuchadeira chegou-lhe aos ouvidos e então ó que foram elas!... O que ele queria era saber quem lhe emendava as tabelas!... Quem seria o maroto que fazia pouco dele!?

O assunto andava já de boca em boca no teatro.

Ou por partida ou fosse porque fosse, o que eu sei é que o vicho tornou á entrar de costas e ele, com uma paciencia evangelica, fez uma outra tabela, mas desta vez a tinta encarnada.

O pessoal do teatro já esperava a altura da colocação do aviso como gente ás portas duma padaria em dia de falta de pão.

Eu, então, com toda a lealdade, para que o meu amigo não caísse ainda mais no ridiculo, desloquei a tabela e tornei-a a emendar mas... foi pior a emenda que o soneto! Ela estava escrita a tinta encarnada e eu emendei a preto!

Caiu Troia!
Ao nosso bom empresario disseram quem a tinha emendado!!! O meu Deus, que tal fizeste!!! Topou comigo e disse-me com voz autoritaria:

—Para que foi que você me emendou tambem a tabela de hoje? O senhor não tem esse direito!

—Tenho, tenho, disse eu. O senhor é que não tem direito de escrever Bicho com V e Baixa com ch.

Dahi originou-se um conflito tremendo, que pouco faltou para eu ser agredido por ele, além de me ter insultado.

Serenados os animos, eu entendi que, tendo a faca e o queijo na mão, podia tirar a desforra do mal que ele me fez e, entrando no seu escritorio, saquei do tal documento a que aludi no principio do conto e mostrei-lho. O homem mudou de fisionomia, dizendo:

—O rapaz, isso hoje é o diabo... Hoje não pode ser... As casas estão fracas... Diz a fulano para guardar isso para mias tarde... e olha que aquela coisa da tabela foi um equívoco... Sabes porque foi que eu escrevi assim?... E' porque ha três dias que perdi as lunetas e, sem elas, nem sei o que escrevo...

E eu, guardando o documento, que depois entreguei ao seu dono, continuei, na melhor harmonia, fazendo eu as tabelas, porque o empresario podia perder outra vez os olhos...

Isto foi noutros tempos. Hoje todos sabem escrever, felizmente. A dita empresa desse tempo acabou sem ficar a dever nada a nenhum autor... O autor era ele e o seu caixote de manuscritos... comprados.

Bons tempos do vicho pula direita vaca!...

Reporter B.

HISTORIAS...

A grande DOR de Felizardo Boaventura

Felizardo Boaventura—que durante muito tempo justificava plenamente o nome que lhe fóra atribuido na pia baptismal—começou a andar triste desde aquela noite em que a viu, pelo braço do outro, numa dessas casas que se chamam de perdição porque quem lá entra só pode perder...

Felizardo não era rico. Não ganhava muito dinheiro—mas arranjava-o...

Ganhando como um segundo official, fazia uma vida de director geral. Nunca deixava de jantar num bom restaurant, de beber os seus licores, de fumar os seus charutos.

Se abancava num café, era ele quem pagava aos da mesa—que bem precisadinhos andam quasi todos os que andam pelas mesas dos cafés...

Se entrava num club, ninguem pagava nada ao pé dele. E as papillons—que são uns bichos de cabeça leve e pernas á vela que tem por missão atordoar e vitimar os desgraçados que desembarcam por aquelas paragens—buscavam a sua mesa com a mesma anciedade e o mesmo encantamento com que as suas colegas borboletas procuram a luz...

Certo dia, encontrou aquela rapariga na vida. Chegou já um bocado atrasado—mas chegou...

Não lhe podia dar dinheiro—mas deu-lhe categoria, acompanhando-a, impondo-a, entre os seus amigos, entre as pessoas que o conheciam e que o respeitavam.

Fê-la subir na escala—se ó que lhe subiu na vida dessas mulheres.

Mas, um dia, ela começou a aborrecer-se dele, da sua amizade, da sua insistencia.

Ainda o aturou uns tempos. Mas atazanava-a com galanteios um moço de boa estampa, destes que andam, de borla, a fazer de palhaços nos clubs, bailando dansas fantasticas e ridiculas sem que por isso lhes paguem.

Resolveu-se a dar o passo—o mau passo para o desconhecido. E uma noite foram, num taxi de palhinha, até ao Campo Grande apanhar flôres...

Felizardo resignou-se.

—A mim que me importa? Que hei de eu fazer?

Passaram a vir para a sua mesa outras mulheres. E ele pronto esqueceu a ingrata.

Chegou mesmo a convencer-se do que nunca tinha gostado dela...

* * *

Naquela noite, porém, quando entrou no club e a viu bailando pelo braço do moço que a desinquietara, sentiu que lhe subia qualquer coisa á cabeça. Julgou que era suor, mas por mais que passasse o lenço pela testa—a impressão ó que não lhe passou...

E ainda hoje, quando a vê, Felizardo Boaventura sente qualquer coisa que, como o genio de Carlos Amaro, existe mas não se vê...

Fantomas.

BRISTOL CLUB DANCING
O MAIS ELEGANTE



!! Não queira ficar assim !!

USE a **VITELINA-VITERI**

TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO \$300

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D. - LISBOA

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

ALVES da Cunha vai interpretar o *Frei Luis de Sousa*. Consta-nos, particularmente, que Almeida Garrett consentiu no desempenho, recomendando, porém, áquele actor que, quando disser *ninguém*, olhe bem para a plateia.

Naturalmente, porque pode ser verdade...

■ ■ ■

A ACTRIZ Ester Leão, quando acaba de representar um drama violento, tem sempre um ataque de nervos.

Confemos na medicina!

■ ■ ■

QUANDO o actor Rainu estava no *Ambassadeurs*, perguntaram-lhe:

—Então essa revista?

—Lá vai indo...

—Melhor do que a outra?

—Parece que sim!

—E o que diz o publico?

—Não te posso dizer nada... Ainda lá não apareceu no teatro.

■ ■ ■

DIZ Vanvernagues — um escritor autentico—que os melhores autores falam sempre muito.

Será por isso que os nossos falam tão pouco...

■ ■ ■

COMO sabem, no *Maria Vitoria* ha um preto que não chega a ter um metro de altura. Por vezes figura, como nota exotica, nas revistas. Duas actrizes discutiam, outro dia, acaloradamente, se o preto tinha nascido em Angola ou em Moçambique. Interrogado o objecto da disputa, este adiantou pouco.

Voltaram á carga.

—Em Angola!

—Não, em Moçambique!

A primeira, para não ficar vencida:

—Não digas mais! Já sei a terra onde ele nasceu. Foi nos Antipodas.

■ ■ ■

HA um camarote, no Politeama, pegado ao palco, donde se não vê nada. No dia da inauguração do teatro, já o espectáculo tinha passado das primeiras scenas, quando um especta-



Ramada Curto pede, para o "Caso de dia," a absolvição do publico

dor que estava colocado nesse camarote perguntou em alta voz, cortando a representação:

—Os senhores podem-me informar se o pano já subiu?

■ ■ ■

DIZ-SE que a *tonadillera* Argentina Imperio traz no seu repertorio um delicioso numero de musica, muito parecido com o da *Espiga*.

Que grande espiga, hein!

■ ■ ■

CÉCILE Sorel, que em França tem honras de primeira comediante, partiu agora para a America, com uma bagagem opulenta. Entre o mobiliario de scena, vai a cama que pertenceu a madame Du Barry, personagem principal da peça *Maitresse le Roi*, que vai ser interpretada pela Célimène.

—Se esta cama pudesse falar?—dizia um artista.

—Ela já não pode falar, respondeu um colega. Gritou demais...

■ ■ ■

NUM ensaio de coristas:

—Todas á direita!

—A' esquerda!

—Atenção! Movimentos uniformes...

A mais nova rompe a forma, dizendo:

—Faço tudo quanto o senhor quiser, menos uniformes. Sou costureira de roupa branca.

■ ■ ■

OS empresarios Antonio Macedo e Oscar Ribeiro, estimulados com o successo que a sua companhia de revistas está tendo em S. Paulo, pensam em levá-la ao sul do Brasil, numa prolongada *tournee*. Nessa *tournee*,

que depende da aquiescencia da *estrela* Lina Demoel, não entram Nascimento Fernandes, Maria das Neves, Maria Córte Real, Guilherme Caupers e Carminda Pereira, que vai ser substituida por uma corista com muito talento e poucas pretensões. Afinal, acaba tudo em bem...

■ ■ ■

UMA frase terrivel de Gaby Deslys, ao ter conhecimento da morte de Blanche Dufréne:

—E' espantoso! Nunca chegaria até esse ponto... para que falassem de mim.

■ ■ ■

CHABY Pinheiro e um colega gordo como ele discutiam acaloradamente os respectivos meritos artisticos. Conversa ironica, espirituosa, por vezes contundente. Até que Chaby, farto de o aturar, disparou-lhe á queima-roupa:

—O colega pode valer alguma coisa, mas não trouxe para o teatro nada de novo... Muito antes de você ser gordo já eu o era.

■ ■ ■

MAX Dearly está no seu camarim, atacando vivamente o animatografot

—E' uma escola de de-moralização, que não tolero. Tenho um criado do quarto que está sempre metido nos cinemas. Outro dia foi vêr quinze dias a fio a mesma peliçula...

—A mesma. Porquê?

—Ora porquê... Em certa passagem havia uma rapariga acocorada na linha ferrea. Tirava o corpete e a saia, mas quando ia a tirar a camisa, o comboio passava e não se via mais nada...

—E o que tinha a scena de interessante?

—O meu criado esperava que, um dia, o comboio viesse atrazado para vêr a rapariga sem camisa...

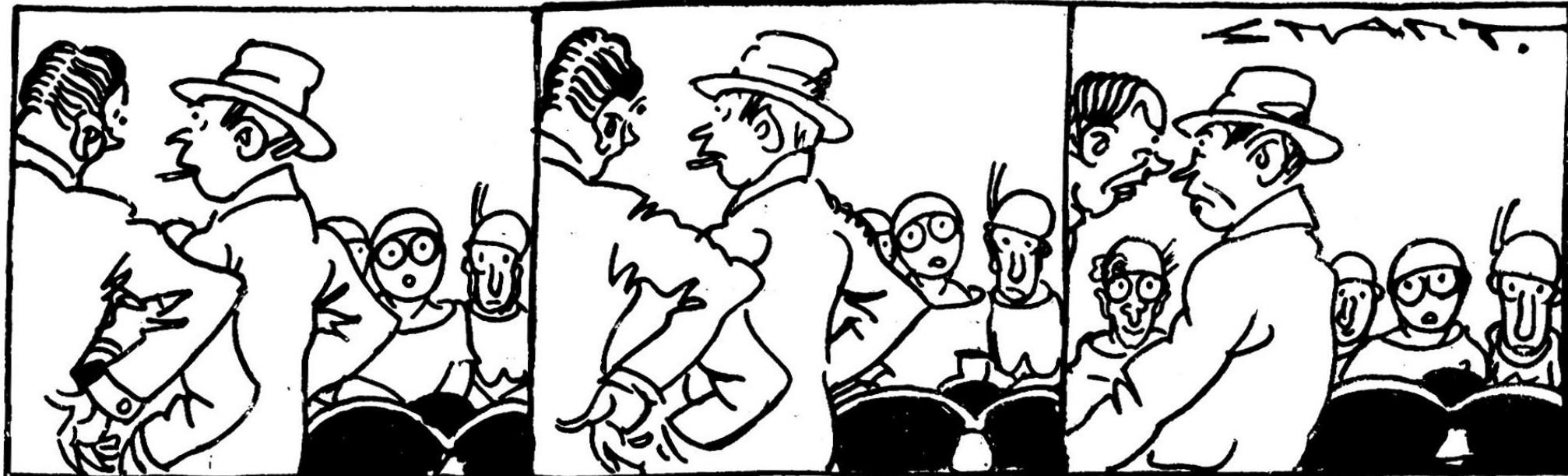
■ ■ ■

ENTRE criticos:

—X. tem muitissimo espirito.

—Não exagere, amigo! Não falo de espirito como um pobre fala de dinheiro...

O Homem das 5 horas



—Já viste aquelas duas mulheres muito feias da 2.ª fila?

—São minhas irmãs...

—Não são essas... São as que estão logo a seguir.

—Essas são minha tia e minha mãe!

—Olha, sabes que mais, filho?

—Quem tem uma familia assim, não vem ao teatro, vai ao Jardim Zoologico...

CANÇÃO NACIONAL

Os fados dos bairros

Fado da Estrela
Mote

Quando ouvia o badalar
na Estrela ás Avé-Marias,
fiava, triste, a pensar
fim dos meus pobres dias.

Glosas

Passou-se isto em rapazola
—Quantos anos já lá vão!—
Eu ia vêr o Leão
da Estrela a brincar co'a bola.
E, de volta da gaiola,
muita gente a passeiar
e, p'ra tudo debandar,
na rua punha-me, enfim,
a sineta do jardim
quando ouvia o badalar.
T'z-me homem e, por fim,
nesses tempos tão ditosos,
t'z-me encontros amorosos
nas copadas do jardim.
E Cupido, junto a mim,
embalava as fantasias
entre flôr's e ramarias,
t'z-me que o amor nos separava
p'lo tal sino que soava
na Estrela as Avé-Marias.

Vi do alto do Zimborio,
quasi muito perto ao céu,
a cidade sob um véo
de nuvens, do promontorio.
Aquele torrão marmoreo
que atingia o meu olhar
foi Lisboa, a secular,
dos grandes feitos d'outr'ora,
tão diferentes dos de agora,
ficava, triste, a pensar...

Quanto aos meios de transporte,
tem a Estrela hoje o electrico,
que é um caso muito trefico
p'ra mim, que não temo a morte.
Vou por 'li abaixo, á sorte,
não sendo eu de cobardias,
sôbre as calhas lusidias,
pela Calçada da Estrela,
a matutar, ao descê-la,
no fim dos meus pobres dias...

José Barbosa.

No proximo numero:

Fado de S. Paulo

C. M. L.

Se ha local sempre na berra
que tenha os destinos tortos
é o consagrado aos mortos
Da Grande Guerra.

Primeiro lavrou-se o assento
com grandes razões, aos montes,
do fulado monumento
ao grande Fontes!

Depois uns tipos farçolas
plantaram—que grande asneira!—
p'ro ensino das escolas,
'ma lavangeira!

Agora, quem vai p'ra lá,
—disseram-m'o, eu não intrujo—
é o tão esquecido já
Rosa Araújo! P...

E, se a Camara quizer
outra estatua, sem retardo
ponha em frente do Mayer
o Luis Gallardo!...

Mas, mais ano ou menos ano,
co'a terra meia furada,
aquilo dava uma entrada
para o Metropolitan!!!

Fixe.

Aventura cômica de rosa

Avenida — Gomes Freire

A linha Gomes Freire, circular, é a mais galante de Lisboa. Sabe-se onde ela começa, mas se sabe onde acaba. Ha cavalheiros perdidos no trajecto. O bilhete custa apenas setecentos e cinquenta centavos, mas as paragens é que são muito caras. Outro dia viajava na ultima classe, na aforma posterior, onde costumam seguir as mercadorias atrasadas. Jam dois guarda-freios, um policia, uma dama que era um frasco de essencia e um cadete, mais pequeno que o stick, que levava levantado em ar de espada. Entre a dama e o cadete travou-se um ardente dialogo de telefonia sem fios ocular, que eu, como estação intermediaria, apanhei integralmente.

O cadete estava d'espero a faltar á hora do recolher cas. Lhe dessem um tepilo recolhimento sob edre. Uns macios. A dama ia pelos ajustes, mas lembrava, tragicamente, as impossibilidades do facto, naquele mesmo dia.

—Mas um dia não são dias!
—Não sabe você que tenho protector?
—De que qualidade?
—De cautchouc...
—E' então industrial?
—E': industrializa-lh'o as finanças, mas dou sociedade a todos os rapazes simpaticos, como você.
—Obrigado! E' um anjo.
—Acertou! Chamo-me Celeste.
—Já reparou que esse cavalheiro—era eu—parece estar a espiar-nos. Se ele se afastasse...
—Era bom. Poderiamos concretizar melhor...

Não concretizaram. Respeitando fielmente a minha moral, não consenti que o cautchouc fosse exportado para o Matadouro. Na rua Bernardim Ribeiro, a dama desceu. O cadete seguiu-a. Apiei-me tambem e, por curiosidade, fui no encalço dos dois. Numa sombra propicia houve um abraço. Noutra, um beijo. Meteram-se numa escada e desapareceram.

Esperei. Um cão vadio fazia na rua... ronda como um policia. Momentos depois iluminou-se a janela dum terceiro andar. Era no predio onde eles tinham entrado. Duas silhouettes dansavam desesperadamente. O cautchouc descia na bolsa—nos pontos. Temi pelos nossos produtos coloniais.

Passou um quarto de hora, meia hora, uma. Já não tinha duvidas. O meu cadete estava de serviço activo. Inesperadamente, porém, reboou nas alturas um grande alarido. As vidraças do terceiro caíram na rua, estilhaçadas. Ouviu-se um tiro—que o policia de giro, prudentemente, não assinalou—seguido logo dum baque surdo. Pensei num crime, num suicidio, num drama de adulterio. Já me ia a afastar de tão perigoso lugar, temendo ser apanhado para testemunha, quando senti passos apressados. Voltei-me. Era o cadete.

—Salve-me, homem! Salve-me! Venha comigo, para disfarçar.
—Mas o que foi, sr. aspirante?
—Uma desgraça!
—Bem sei! O cautchouc!
—Qual cautchouc, nem qual historia! Foi a criada...

—São elas que perturbam a vida dos sexos, por falta de materia prima patronal.
—Deixe-se de filosofias e vamos ao que importa. Estava eu com o Olga nos braços, em pleno deserto carnal, como pode calcular, quando me appareceu a criada, em fralda de camisa. Fiquei em suspenso. Paralitico. Ouvi um barulho enorme no corredor e um estrondo de arma de fogo. Ainda disse comigo: «E' agora que vou sair al feres. Está a revolução na rua».

—A ordem publica, excellentissimo cavalheiro, está confiada ao sr. Pereira do Amaral desde que o sr. Antonio Maria da Silva foi ao poder. Bem sei que ele caiu. Mas não é razão...

—Razão tinha a criada que, perseguida a tiro pelo leiteiro, entrou pelo quarto da patroa, quando nós combinavamos a segunda sessão. Sabe afinal de que se tratava? O leiteiro tinha-lhe medido mal o leite, a pretexto de outras encomendas urgentes, a satisfazer na escada. Ora a criada, que não pode vêr a debaixo, revoltou-se. Ia dando cabo da vasilha ao homem. Este teve que se defender á bruta, para não ficar um segundo Abelard...

—Olhe que ha muitos rapazes que usam esse nome, mesmo sem precisão.
—Concordo! Mas olhe que para leiteiro é um pouco fino. Tem muitas vacas, na freguesia...

José Ingenuo.

TIPOS...

Do pão de luxo

AO

pão de lixo.

Anda grossa barafunda nos jornais por causa da Moagem e dos diagramas, assim chamados porque, quero se queira que não, a gente tem di a gramar.

Dizem uns que deve ser permitido o fabrico de todos os tipos que os moageiros entenderem. Mas o general Alves Pedrosa diz que não está para fazer o jogo desses tipos—e vai decretar o tipo unico.

Sempre fixe vai dar a sua opinião, que é pelo menos a opinião do pobre consumidor que escreve estas linhas, tão atrapalhado com a carestia da vida que já não sabe com que linhas se ha de coser...

O pão é o mais necessario e o mais caracteristico dos alimentos. E assim se explica que ele, além de encher os estomagos, encha tambem a Sabedoria das Nações, os proverbios, as copias das revistas, etc.: «pão nosso de cada dia», «pão que o diabo amassou», «pão para a boca», «pão por Deus», «quem dá o pão...»

Sendo assim, é muito logico que ele constitua uma síntese da nossa vida e da nossa gente.

O pão dos pobres é o casca grossa, o que trabalha constantemente para o comer. Ha o pão de segunda, que é a grande massa da Nação: a massa que lhe fornece as massas para ela sustentar muitos parasitas que enchem a boca com a Patria, depois de á custa dela terem enchido o estomago. Ha o pão de primeira: os banqueiros, os altos comandos militares, os directores gerais, os politicos e os negociantes que enriqueceram. E ha, finalmente, o pão de luxo, o *papo seco*, que se representa—o *papo seco*.

E, como as necessidades e os gostos são diferentes—e já lá diz o povo que gostos não se discutem—cada um come do que gosta, ou do que pode gostar, porque, nestes tempos de vida difficil, gostar não é apanagio de toda a gente.

Assim é; assim deve ser.

Querer obrigar toda a gente a comer o mesmo tipo—que é como quem diz o mesmo pão—é uma violencia—uma violencia contra a liberdade do paladar...

Podem o sr. general Alves Pedrosa e o sr. João Pereira da Rosa—os dois grandes defensores desse tipo—aduzir razões de peso sufficiente para moer os argumentos da Moagem e as desprezíveis observações do Fixe. Mas não nos damos por convencidos.

Partidarios intransigentes da maxima liberdade, não compreendemos que se coarctem os direitos da lingua.

E por isso aqui deixamos o nosso protesto contra a atitude do sr. general Pedrosa, que tem tanto a mania do uniforme que até quer impôr-nos um pão uniforme, obrigando-nos a gramar um diagrama que mais dia menos dia ha de acabar por converter em pão de lixo o pão de luxo que por enquanto vamos saboreando—e pagando a peso de ouro, com falta de peso e tudo...

José Consumidor.

Dr. Balthazar Cabral



The right man in the right place

HUMORISMO

de Bernard Shaw

«Humour» é uma palavra inglesa que significa alegria finamente ironica. Talvez possa corresponder ao que, ordinariamente, se chama, á franceza, «esprit». Esse génio motejador é, no dizer judicioso de Camilo, a caricatura da graciosidade. Nós outros, portugueses, porém, temos o «chiste» que, na opinião do mesmo escritor, é uma das muitas vergontosas e enxer-tias da *jogralidade* medieval — que uma riqueza de sinonímia da nossa lingua denota como o *bobó* bracejou na península. Ainda assim, o estremo *espírito* português, por mais que o afiem e aguem, é sempre rombo e lerdo: não se emancipa da velha escola das farras: o *chalaça*. O *humour* e o *espírito* não se aguçaram nem se adelgaçaram á feição da nossa indole, que usufrue ainda as chocarrices plebeias de Gil Vicente e Antonio José.

No entanto, apreciemos aqueles finos dons, folgamos com eles. Prestem-lhe sempre homenagem, como fez — com regosijo geral — a comissão sueca do premio Nobel, concedendo ha semanas ao irlandês Bernard Shaw, a quem, nesta época de encomios balofos, seria offensa adjectivar o merito, elogiar o prestigio. O grande humorista não aceitou as dezenas de boas libras, dando estas razões:

«Os meus leitores e os espectadores das minhas peças proveem ás minhas necessidades...; este dinheiro é um cinto de salvação que se lança a um homem que já alcançou a terra e está seguro. Eis o motivo porque peço, respeitadamente e com gratidão á Academia Real de Stockolmo, o favor de considerar os meus trabalhos como fóra do concurso.»

Ha «humour» e fortuna nesta réplica. Shaw fica no concurso da admiração universal, principalmente como tem verdadeiramente muito «humour», tem verdadeiramente muito espirito. Tem o que possui e o que lhe atribuem. O que ele possui — e é terrível — encontra-se nas suas obras, donde se poderá ceifar mil reflexões como estas:

—Um verdadeiro livre-pensador deve mudar de ideias, tantas vezes e tão cuidadosamente, como muda de roupa branca.

—Todo aquele que pode faz. O que não pode ensina.

—O castigo do mentiroso não é não acreditar em nêle; é ele não poder acreditar em ninguém.

—O homem mais ansioso por uma cadeia é o seu director.

—Quando lêrdes uma biografia recordai-vos que a verdade não é nunca digna de ser publicada.

—Quando se bate numa criança devemos evitar que estejamos encolerizados. Uma pancada dada a sangue frio não pede nem deve ser perdoada.

Para os vizinhos da «piada», tudo isto e o mais, certamente, não terá interesse ou passará de motejo banal. Mas é preciso reparar nas latitudes e nas culturas. A mentalidade vestida de sarapilha não pode entrar em todos os recantos, mormente onde a luz seja forte...

José Parreira

CARTA GALANTE

DO AMOR AO DIVORCIO

Querida prima:

Na sua ultima carta, pediu-me para lhe mandar dizer como se ama em Lisboa. Vou satisfazer a sua vontade.

Em Lisboa, como em quasi todas as cidades, ama-se de forma mui diferente á usada em Chão de Maçãs, essa aborrecida aldeia onde a prima nasceu e na qual ha de morrer em volumes fasciculados.

Ahi, o amor nasce dum beliscão ou duma *pésada* dada por um D. Juan a qualquer maçoila, no bailarico. Na cidade usa-se um processo mais terno e nada contundente: Em qualquer baile, por mais *chic* que seja, principia por um abraço sensual, com alguns beijos de mistura. As mããs assistem impávidas a tal scena... mas protestam indignadas se um individuo, em plena rua, diz algum gracejo á filha, embora o gracejo não passe de um galanteio. Algumas até proibem que as filhas andem de braço dado com os namorados, mas permitem que elas sejam abraçadas num baile por qualquer «ilustro desconhecido» apresentado naquello momento! Chama-se a isto o *Amór de S. Vito*.

O amor tambem nasce no cinema, por um olhar languido a prometer o amor e uma cabana e por um passatempo de *telepedia* na escuridão. Nestas circunstancias, a mamã, quasi sempre, tem o cuidado de adormecer; se, porém, é de qualidade de não dormir, este genero de amor é perigoso porque tendo principiado na escuridão, é sempre de recear que o Don Juan veja fazer-se luz no Tribunal dos Pequenos Delitos.

E' o *Amór Escuro* ou *Delituoso*.

Ha tambem o amor por anuncio. Este é só acessivel a cavalheiros possuidores de alguns meios de fortuna que estejam dispostos a salvar uma mulher, quasi sempre nova, bonita e educada. Esta maneira de amar é conhecida por *Amór de Salvação* ou *Salvemos as L. parigas*.

Todos estes amóres, em geral, acabam num casamento ou num quarto independente com porta para a escada.

O casamento é uma especie de bilhete de lotaria aberto em tantos vigésimos quantos são os anos de matrimonio. Ha quem se dê bem com tal estado. Estes causam admiração, pois são dos poucos que não se queixam do Estado! Os que, como estes, forem premiados na lotaria do matrimonio serão muito felizes e viverão bastan-

tes anos, rodeados de inumeros filhos, como nos contos de fadas!

Outros dizem mal á sua Vida se a cara metade possui por mãe uma especie de fera. Na impossibilidade de domesticar a sogra, o infeliz só tem dois recursos:

Se a mão da filha ainda fór coisa que se aproveite, declarar-lhe que a adora e que é seu desejo dar uma *facalinha* no matrimonio com ela. Este *ménage à trois* seria interessante... e ficaria em familia.

Se fór fe'a e já tiver ultrapassado ha muito a idade perigosa de Balzac, resta-lhe apenas o recurso de se divorciar da filha... da mãe!

Mais tarde, após a morte desta (se ele ainda fór vivo, pois as sogras têm o pessimo costume de morrer já completamente deterioradas com a idade!), poderá novamente casar com a sua ex-mulher, pois a lei do divorcio não se fez para outra coisa.

No casamento pode succeder que a mulher seja infiel ao marido que, como acontece sempre nestes casos, viverá *naquello engano d'alma lèdo e cego*...

Quando recuperar a vista, o mais que lhe pode succeder é sentir uma mulher de menos e uma *recordação* a mais...

Ha tambem a Incompatibilidade de Génios. Se o marido não fór de qualidade de dominar a esposa, partindo-lhe o génio ou servindo-se de outros argumentos identicos, tem de se abraçar ao divorcio que, nestas circunstancias, produz o effeito da lei das incompatibilidades.

No casamento abunda a infidelidade por parte do marido. A esposa, que em geral tem conhecimento do facto por uma carta anonima (quasi sempre enviada por uma *amiga dedicada*), faz escandalo, que termina numa cheia, causada pelas lagrimas. Não recorre ao divorcio porque a sociedade — ilegalmente constituida — deu ao Homem, para Portugal, Colonias e Estrangeiro, o exclusivo da Infidelidade. De resto, a Dôr passa depressa se o esposo infiel tiver a amabilidade de, no dia seguinte, lhe oferecer um leque dos *chineses* ou um colar de perolas... de quinze escudos!

Ha muitas coisas mais, todas elas provenientes do Amor, mas que omito por as considerar de importancia secundaria.

Satisfeita a sua vontade, resta apenas enviar-lhe affectuosos cumprimentos o primo amigo

Rocix.

HUMORISMO

de Bernard Shaw

E' conhecida a modestia de Bernard Shaw e a indulgente opinião que ele faz de si proprio. Escreveu, ha alguns anos, fazendo o seu retrato:

«Shaw não tem modestia senão nas relações com as artes, que são as grandes rivais da literatura. Nunca pretendeu *valer mais* do que Shakespeare.»

Estas curtas palavras, muitas vezes citadas, escritas na cabeça dum seu prefacio, eram seguidas dum ponto de interrogação, e o autor evitava qualquer questão fazendo notar que Shakespeare, no drama, tendo atingido a perfeição na arte, ninguém poderá fazer melhor, se bem que haja alguém hoje que haja que dizer coisas que Shakespeare não disse.

Harris, director da revista em que Shaw foi critico dramatico, conta esta anedota que succedeu ao seu colaborador.

Uma tarde, um fiscal declarou a Shaw que não lhe era permitido entrar nos *fontecils* na *toilette* que trazia. Shaw começa sem demora a tirar o casaco.

—Não, não é isso, diz o fiscal. O que eu quero dizer é que o senhor tem que vestir-se como as outras pessoas.

Lança os olhos para a fila das damas muito decotadas:

—Não posso tirar a camisa, exclamou Shaw, para ser igual as suas espectadoras!

E foi-se embora.

O «humour» que lhe atribuem é tambem tão caustico como jocundo, até quando ele é diabolico.

Conta-se que certo dia, no humido cais duma garesinha britanica, ele esperava um comboio que não chegava. Desesperado, vai procurar o chefe:

—Não ha um cemiterio perto?

—Não, senhor, não ha cá diso.

—Está bem. Mas, então, onde põe a gente que morre á espera do comboio?

E' dextro tambem em embarçar mesmo os que são amáveis com ele. Um americano dizia-lhe num teatro:

—Gosais nos Estados Unidos duma grande reputação.

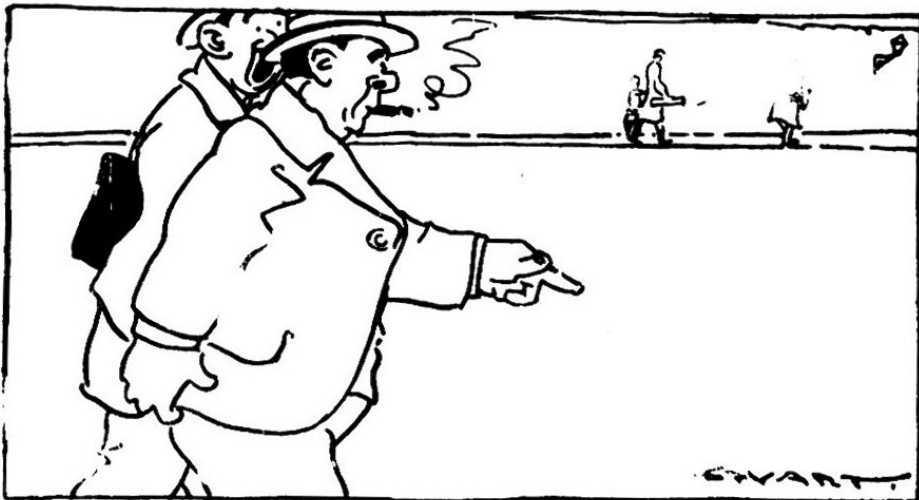
—De quê?

—Mas a sua reputação de autor dramatico.

—Como eu, — diz Shaw, num trejeito de desagrado — sou igualmente filosofo, romancista, sociologo, critico, homem politico e teologo, tenho, pois, direito a sete reputações.

E não falou na de paciente e não apressado. Homem de idade, como Pirandello, e tendo-se estreiado em 1880, todos os seus trabalhos esperaram três e quatro anos primeiro que os puzessem ante o publico. Mas partidos, nunca mais chegam, como o tal comboio, á estação da indiferença ou do esquecimento, «humour» á parte...

José Parreira.



—Vi hontem aqui um desgraçado a morrer de fome... Sobes o que fiz? Fui logo comer um bife.

—Não digas nada... Por causa dela paguêi duzentos escudos no Tribunal dos Pequenos Delitos! Nos grandes delitos deve ser mais barato...

O CAFÉ DA BRASILEIRA é, de todos, o melhor!

Eu bebi em S. Tomé
e na Província d'Angola
a bebida que consola
mais que todas—O CAFÉ.
Mas juro pela minha fé
e p'la minha honra inteira
no fim de tanta canceira,
que, em Terras de Portugal,
encontrei um sem rival:
O CAFÉ DA BRASILEIRA!

Se o levores para casa,
quer moído ou quer em grão,
e beber's uma porção,
ficas feito numa braza!
O inverno até se atraza
ao sentir o seu calor...
Por isto, além do sabor,
e do paladar profundo,
dos cafés que ha neste mundo,
E, DE TODOS, O MELHOR!

Vende-se em toda a parte
A BRASILEIRA
LISBOA

ROCIO CHIADO
Escritorio — L. de S. Domingos, 11

Alfredo Morales



(Desenho de F. Valença).

Pela expressão alegre, dir-se-ia um humorista. Carinha n'agua e carinho na aguarela. Com os pinceis do bigode dá um bigode nos colegas. Formoso talento e lindas obras agora expostas na Imprensa Nacional.

NOVA CASA
— ESPECIALISTA —
DE MEIAS E PEUGAS
RUA IVENS, 53 (ao Chiado)

A CIDADE

Os desastres

Horriavel acidente

Na Avenida Marquês de Tomar, 72, 2.º, D., uma cosinheira de nome Maria Prazeres, que estava ao serviço de Madame Manon Teixeira do O', explodiu ontem, ás 9,30 da noite, subitamente.

No bairro, a visinhança fazia inumeras conjecturas sobre a causa da explosão. Mas, o medico encarregado de fazer a autopsia descobriu que o desastre se dera em consequencia de uma indigestão de panfletos signés Proença.

A infeliz manufactora de pratos alimenticios, que desconhecia o uso daqueles objectos, ingerira imprudentemente varios exemplares.

Um lamentavel caso de amnesia

Na madrugada de ontem, dois agentes da policia descobriram um cavalleiro bem posto e que aparenta uns quarenta anos, estendido num banco do talhão da Avenida, proximo do elevador da Gloria.

Dopoos de muito trabalho, conseguiram acordá-lo e perguntaram-lhe o nome e a residencia. Mas não foi possivel arrancar ao desgraçado, que evidentemente se encontra atacado de amnesia, outra resposta que não fosse:

«—Posta Restante!»

Os agentes, contristadissimos com o lancinante espectáculo, transportaram-no piedosamente para a Central dos Correios, onde a inditosa familia o poderá ir buscar, mediante a sobre-

taxa usual da correspondencia restante.

Gatunos e burlões

Um roubo audacioso

Quando, ontem á tarde, na Loja Modelo, do Rossio, pertencente ao sr. Virgilio da Fonseca, illustre directivo do Imperio Lisboa Club, se encontravam varios jogadores desta agremiação, fazendo as suas compras habituais—entrou um individuo intitulado-se arbitro da Associação e que pediu para ver varios artigos de vestuario. Saiu sem comprar nada—e só depois os empregados deram pelo desaparecimento, de dentro duma caixa de goals sortidos, dum riquissimo goal azul electrico que aquele comerciante adquirira ultimamente, ao fim de porfiados esforços.

Em procura do audacioso amigo do alheio saiu o sr. Henrique Prazeres, que julga reconhecer nele o afamado Mentiras III.

Kleptomania e gulodice

Um fiscal de vigilancia dos Armazens do Chiado descobriu ontem na secção de sedas uma elegante mundana semi-asfixiada.

Conduzida á farmacia mais proxima, e após os primeiros socorros, verificou-se que a senhora em questão era uma kleptomaniaca gulosa, que para satisfazer o seu vicio acabava de ingerir uma peça de crepe Georgette.

Com os cuidados do costume, foi transferida para a enfermaria do Limoeiro.

O Homem dos Oculos.

O FADO DO

Gama

Mote

Dizem que nasceu o Gama
sob um signo enfeitado
por vender ainda de mama
um bilhete premiado!

Glosas

Foi na Rua do Amparo
que seu socio, o bom Guilherme,
gordo como um paquiderme,
viu que o Gama «via» claro...
O seu tipo era tão raro,
p'los cabelos d'ouro em chama,
que lindas mulher's de fama
vinham comprar-lhe cautelas.
Foi assim, sem mais aquelas,
—dizem—que nasceu o Gama...

Vai d'ahi Lisboa toda
pelo nosso Gama ancia,
pois tem sempre a casa cheia
no dia de andar a roda.
Hoje é o cambista da moda,
mais querido e desejado,
que, por ser um bem fadado,
tanta «sorte grande» deu,
que é bem certo que nasceu
sob um «signo» enfeitado...

Tenho as minhas convicções
de que chegado o Natal
tens, em casa, um milharal
de bagos d'ouro aos montões.
E tudo isto p'las razões
dêsse dom que hoje o proclama
das sortes grandes de fama
pois já, no balcão, mimoso,
era o Gama um virtuoso
por vender ainda de mama...

Lá na loja a romaria
é tão grande que as velhotas,
junto ás moças frescalhotas,
fazem bicha todo o dia
a esperar que a lotaria
siga, do Gama, o seu fado,
pois quem 'steja habilitado
pode ter uma riqueza
porque compra, com certeza,
UM BILHETE PREMIADO!

Os 4.000 contos
do NATAL
A' venda no

SEMPRE SORTES GRANDES

Gama

RUA DO AMPARO, 31—LISBOA

Visões de Alem-Tumulo

As queixas, á viola, de El-Rei Dom Sebastião

A este ignoto mundo
Chegam-me uns écos distantes
Do meu país que foi dantes
Belo, valente e fecundo!

E nesses écos eu vejo
Que continuo lembrado,
Que inda sou o Desejado,
Sem ser esse o meu desejo!

E' grande o meu sofrimento:
—Depois de Alcazer-Kibir
Sou um pretexto—é de rir!—
P'ra livrinhos sem talento!

E não me deixam! Delirio!
Eterna perseguição!
—O Santo Sebastião
No teve maior martirio!

Pois antes ser amarrado
Ao tronco d'alto loureiro
E pelas mãos dum archeiro
Por setas ser alvejado,

Do que, enfim, perder a paz
Em livros de brilho incerto
E onde o unico Encoberto
E' o genio de quem os faz!

Oh Camões, eu adivinho
Na dôr que, ha pouco, mostravas,
Que já rimaste em oitavas
O meu destino mesquinho!

Não se é de todo infeliz:
—Vale-me, neste penar,
Ter-me ensinado a trovar
O meu colega Diniz!

A' falta de armas e cota,
Desabafo neste conto;
E esta viola, que amo tanto,
Foi minha irmã na derrota!

Colo de garça, oh Inês,
Oh dona de excelsa graça,
Companheira da desgraça
Por teres amado uma vez!

Santa Isabel milagrosa,
De tão divino avental,
Tambem tu, com Portugal,
Tens o teu mote e glosa!

Nun'Alvares, Infante Santo,
Leonor Teles, todas vós,
Que suplicio, ai de nós!
Morreremos de canto em cantol

O mais lembrado, é razão
Dizê-lo agora, sou eu!
Todos me esperam do céu,
Em manhã de cerração!

Todos me esperam—destino
Do meu país da tapona!
Se aos olhos do Bernardino
Eu incarnei no Carmona!...

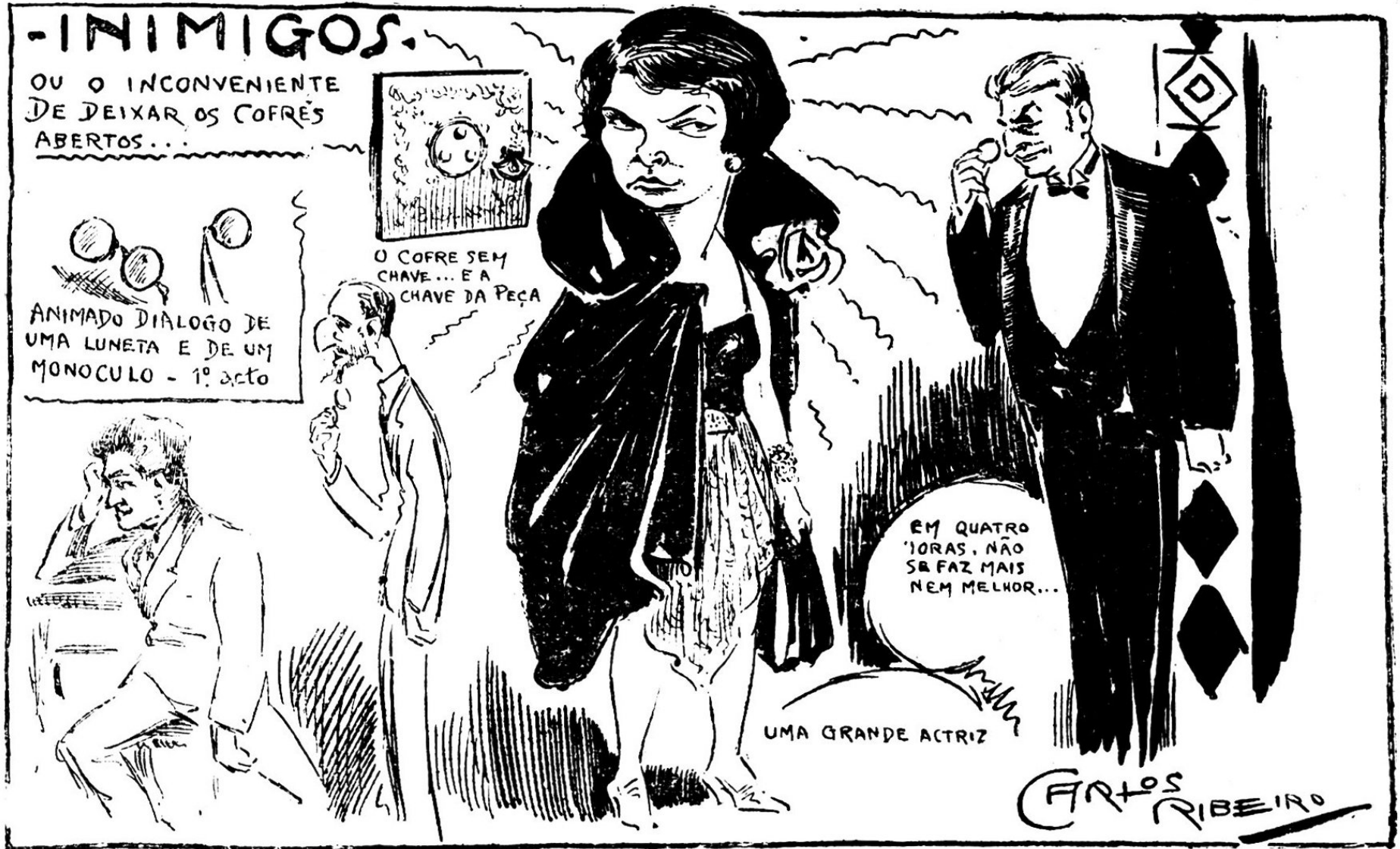
Sou meio doido, bem sei,
Mas os que esperam por mim
São mais doidos—não é assim?—
Do que eu fui, sou e serei!

Pois que me esperem, coitados,
Já que isso lhes dá conforto.
Que me esperem, não me importo,
Mas que me esperem... calados!

Dom Martinho.

Restaurant Rosa de Malo
Rua de S. Nicolau, 122—Tel. C. 245
Esplendido serviço de almoços e jantares
Almoços e jantares d'oeuvre, 2 pratos, fruta,
café, 10\$00; Jantares, sopa, 3 pratos, doce,
fruta, café, 11\$00, e um bom serviço de
lista. Est: estabelecimento tem uma confortavel sala no subterraneo.

Impressões de primeira... fila



A tragedia dos novos selos

A tragedia das novas ricas



A República, desgostosa de a terem feito tão horrenda, tenta suicidar-se, após o "assassinato", do desenho de Constantino, praticado pela Casa da Moeda.

---Como vê, sou leve como uma pena.
---Realmente é uma pena ter tantas arrobas de sedução, minha querida senhora.